

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século XXI.

Mudanças, impactos e perspectivas

GT 17 - Sociología de las Profesiones. Los modelos profesionales en debate.

O conhecimento profissional: uma categoria para a análise das profissões

Marise Ramos. Uerj e Fiocruz. Doutora em Educação.

Telmo Caria. Uta e Universidade do Porto. Doutor em Sociologia.

O conhecimento profissional na sua dimensão tácita tem sido pouco teorizado pelas correntes da sociologia das profissões. Propomos uma abordagem que entende o conhecimento profissional como produto de uma dualidade epistemológica – a prática e a ciência – e de uma dualidade sociocognitiva representada pelas mentes cultural/pragmática e racional/analítica, e que, sendo compartilhado pelo grupo profissional, conforma mais uma cultura do que de uma epistemologia. Nesses termos, a partir de um estudo etnográfico com profissionais das Ciências Humanas e Sociais no terceiro setor no norte de Portugal, elaboramos tipologias para análise do conhecimento desse grupo profissional com base nas teorias da *performance* M. Eraut, da dualidade da mente de J. Evans, da linguagem de M. Bakhtin e do conhecimento tácito de M. Polanyi e H. Collins.

O objetivo deste trabalho é construir um referencial teórico para a análise sociológica do conhecimento profissional. Entendemos que o conceito de conhecimento profissional pressupõe o conhecimento em uso e não somente enunciado. Nesse sentido, ele não se confunde nem com o conhecimento científico resultado de investigações e apreensões da realidade pelo trabalho de pesquisa, nem com os recortes e apropriações aplicadas deste último na forma de conhecimento técnico e tecnológico ou, ainda com enunciados de ordem filosófica, jurídica ou equivalentes. No escopo de nosso estudo, esses podem ser reconhecidos como conhecimento proposicional (COUTER, 1989; COLLINS, 2010), como conhecimento codificado (ERAUT, 2007) ou como conhecimento abstrato, tal como o designaremos a partir de então, com a seguinte definição:

É verdade que as profissões têm como fundamento e delimitação o conhecimento científico, tecnológico, filosófico e jurídico voltados para a explicação de fenômenos, para a criação e desenvolvimento de processos e produtos, para a resolução de problemas, e para a regulação da prática social, nas diversas áreas em que a sociedade situa e organiza historicamente suas necessidades e produções. Mas o enunciado ou a proposição desses conhecimentos não os tornam imediatamente “profissionais” no sentido aqui abordado. O conhecimento profissional é, essencialmente, o conhecimento em uso pelos sujeitos em interação, guiados por alguma motivação. Assim, o conhecimento abstrato não é o conhecimento profissional, mas sim uma de suas fontes. A outra é a experiência prática dos sujeitos em interação social.

Portanto, o conhecimento profissional é produto de uma dualidade epistemológica – a prática e a ciência – e também de uma dualidade sociocognitiva representada pelas mentes cultural/pragmática e racional/analítica, tal como vimos na secção anterior deste trabalho. Esta dualidade não obriga ao dualismo, dependendo das possibilidades de articulação entre essas duas epistemologias pela articulação das duas mentes. (CARIA, 2010, 2011, 2012)

No âmbito das culturas profissionais levantamos a hipótese sociológica de que a possibilidade de articulação entre as duas epistemologias e as duas mentes se põe em função da relação entre cognição e poder no trabalho profissional. Esta hipotética associação, ao nível micro, permite evidenciar, no estudo dos grupos profissionais, a autonomia (ou o conflito latente) técnica, política e cultural do trabalho profissional nos

contextos de interação social, em face de estruturas, instituições ou de outros grupos sociais com maior ou menor poder simbólico. (CARIA, 2012)

Vemos, então, porque o trabalho profissional não é apenas o resultado da posse do conhecimento abstrato que fundamenta e delimita a profissão, mas é um processo de transformação prática da organização desse tipo de conhecimento – a mobilização do conhecimento sob uma tensa combinação entre coerência e eficácia mediada pela reflexividade do grupo profissional – para que seja adequado à intervenção profissional em situação e na interação social.

O trabalho profissional que enfocamos tem algumas características a serem reconhecidas. É baseado em conhecimentos abstratos e segue prescrições cognitivas e organizativas (CARIA, 2010); é interativo, tanto no interior de uma equipe técnica quanto com usuários dos serviços objeto de seu trabalho, além de outros níveis da organização; é contextual e situacional, pois, por mais típicos que sejam os problemas a serem tratados, uma ação profissional é regulada de dentro dela própria, dependendo dos elementos relevantes (de informação, conhecimento, significados, percepções) que selecionamos do ambiente – contexto – e da temporalidade em que se processa e que permite, mais ou menos, análise, reflexão e formas de disposição. (QUÉRÉ, 1998)

O estudo do saber profissional pode nos levar a “padrões de coordenação da ação” dos membros de um grupo profissional, de modo a produzir conhecimento abstrato sobre o conhecimento profissional. Ao mesmo tempo, se esse estudo tem como referência as questões de poder que entram em jogo nas interações, poder-se-á avançar na tese de que as possibilidades de articulação entre as epistemologias e mentes pragmática e científico-analítica na constituição do conhecimento e da cultura profissional dependem da diminuição das desigualdades de poder entre os sujeitos em interação (entre membros de uma equipe técnica; entre equipe técnica e outros níveis da organização; entre sujeitos e estruturas sociais).

A partir de um estudo etnográfico com profissionais das Ciências Humanas e Sociais no terceiro setor no norte de Portugal realizado no âmbito do Projeto SARTPRO, construímos categorias de análise com a finalidade de se focar: a) procedimentos cotidianos rotinizados, incluindo as comparações entre diferentes atividades e improvisos para saber lidar com o que é reconhecido como novo; b) categorização e tipificação dos problemas, das coisas e das pessoas, de situações, incluindo a possibilidade de desenvolver, no plano relacional, uma linguagem que partilha

problemas profissionais com o cidadão comum; c) normalização das ações, incluindo as narrativas que são usadas pelo grupo como memória oral do que é tacitamente percebido como exemplar, como práticas desviantes ou como erro.

Tomamos como uma de nossas referências para a construção de tipologias para a análise do conhecimento profissional de profissões que têm uma forte componente relacional a análise da *performance* proposta por Eraut (2007). Em seu modelo, o autor divide o tempo em três extensões às quais está associado um modo de cognição formando os seguintes pares: rápido/intuitivo (competências intuitivas-associativas); instantâneo/reflexo (competências automáticas); deliberativo/analítico (competências analíticas). Aplicando a teoria da dualidade da mente de Evans (2008, 2009) nesse modelo, percebemos que esses pares correspondem, respectivamente, aos seguintes modos de cognição: processamento rápido da mente pragmática; processamento lento da mente pragmática e processamento rápido da mente analítica; processamento lento da mente analítica.

Desta interpretação formulamos uma proposta metodológico-técnica sugerida para a análise dos dados etnográficos que nos possibilitou enfocar a sociocognição – o conhecimento implicado na experiência social – na perspectiva da ação e do discurso.

Para essa análise, nos foi útil o conceito de contexto da interação, que corresponde aos recortes, enquadramentos e diretrizes da ação, produzidos pela seleção que os sujeitos fazem daquilo que no ambiente é relevante à interação e que pode reforçar os constrangimentos ou ampliar as oportunidades. A avaliação de relevância e, portanto, a seleção de elementos que entram na interação depende, em certa medida, da posição que os sujeitos ocupam nas relações de poder que se instauram no contexto.

A situação, por sua vez, é o desdobramento processual das ações no contexto e, por isto, indeterminada previamente a elas. Pelo exposto, as interações em situação podem gerar ajustamentos tanto conformativos quanto confrontativos com o contexto. A sociocognição, nessa perspectiva, é produto desses ajustamentos e sua manifestação pode ser vista na prática profissional. Não obstante, ela se produz por processamentos mentais que utilizam e/ou articulam conhecimentos explícitos e implícitos (POLANYI, 2009; COLLINS, 2010) concretizando, em situação, a capacidade genérica do ser humano de “fazer” e “pensar”.

A análise do conhecimento profissional na perspectiva que adotamos ultrapassa a esfera da organização e do processamento cognitivo que operam na interação social para se colocar nas relações de poder que constroem o senso comum por opressão deste ou por negação da articulação deste com o conhecimento explícito. Por isto, torna-se necessário tratar das questões da linguagem: o que é o discurso nas interações sociais e na veiculação do conhecimento explícito ou na explicitação do conhecimento tácito.

Passamos, então, a nos interessar pela sociocognição no sentido da externalização do conhecimento; ou seja, pelas mediações que mantêm o fluxo da interação social. Sob este enfoque, adquire relevância o uso social da linguagem – o discurso – o qual, por sua vez, se manifesta pessoalmente na fala. Para tal, encontramos na abordagem de Bakhtin (1977) uma possibilidade teórica para nossos interesses.

No nosso estudo, consideramos como um gênero discursivo a linguagem profissional, constituída tanto por significados científicos explícitos quanto por significados tácitos. Ela carrega implícitos sociais compartilhados pelos profissionais de um grupo. Outro gênero é a linguagem diária corrente, também carregada de implícitos que se constituem no senso comum compartilhado pelas pessoas no seu cotidiano social e cultural. O gênero discursivo da ciência tem o abrigo da mente analítica e dá visibilidade à mente racional-positiva, enquanto que a linguagem corrente é mobilizada pela mente pragmática e expressa a mente cultural. A articulação das mentes pragmática com a analítica na interação corresponde à intersecção da linguagem profissional com linguagem comum, produzindo um contexto de intercompreensão que passa a ser de domínio dos interlocutores e só existe na interação.

Feito o percurso teórico e metodológico que aqui apresentamos, ratificamos que o conhecimento profissional não se origina ou pode ser reunido numa epistemologia, mas sim numa cultura. Os saberes profissionais se produzem no confronto de dualidades que assim tipificamos: a) entre teoria e prática no plano epistemológico; b) entre cultura e racionalidade no plano social; c) entre mentes pragmática e analítica no plano cognitivo; sempre em situação. Tais dualidades, sendo inerentes à produção do conhecimento profissional na experiência, pode ou não se converter em dualismos que se revelariam, por um lado, no teorismo e, por outro, no praticismo ou utilitarismo.

Referências Bibliográficas

BAKHTINE, M. (1977). *Le marxism et la philosophie du langage. Essai d'application de la method sociologique en linguistique*. Éditions de Minuit, Paris.

CARIA, Telmo. Poder e conhecimento no trabalho profissional baseado nas Ciências Humanas e Sociais no terceiro setor: dados preliminares do projeto SARTPRO. In: CARIA, Telmo; CARVALHO, Teresa; SANTIAGO, Rui. (2011a). *Grupos profissionais, profissionalismo e sociedade do conhecimento. Tendências, problemas e perspectivas*. Porto: Edições Afrontamento. 166 p.; pp. 59-80.

\_\_\_\_\_. (2010). A mobilização de conhecimento em situação de trabalho profissional. Versão revista e ampliada. In: FARTES, Vera; ROSELI, Maria. *Currículo, Formação e Saberes Profissionais*. Bahia: EDUFBA, pp.165-193.

\_\_\_\_\_. (2012). O uso do método etnográfico no estudo do trabalho e do conhecimento profissionais. In: Leonor Torres & José Palhares (orgs.), *Metodologias Qualitativas da Investigação em Educação e Formação*. Vila Nova de Famalicão: Húmus [no prelo].

COLLINS, H. (2010). *Tacit and explicit knowledge*. Chicago: The University of Chicago Press.

COUTER, Jeff. (1989). *Mind in action*. Cambridge. Polity Press.

ERAUT M.; HIRSH, W. (2007). The Significance of Workplace Learning for Individuals, Groups and Organisations. New York: ESRC Centre on Skills, Knowledge and Organisational Performance.

EVANS, J.. How many dual-process theories do we need? One, two, or many? In: EVANS, J.; FRANSKISH, K. (2009). *In two minds: dual processes and beyond*. New York: Oxford Press. 369 p.; pp. 33-54.

\_\_\_\_\_. Dual-Processing Accounts of Reasoning, Judgment, and Social Cognition. *Annu. Rev. Psychol.* 2008. 59:255–78

POLANYI, M. (1966 [2009]). *The tacit dimension*. Chicago: University of Chicago Press, 107 p.

QUÉRÉ, L.; SCHOCH, C. The still – neglected situation? *Réseaux*, 1998, vol. 6, n. 2, pp. 223-253.